

Antoine de
Saint-Exupéry

PILOTO
DE GUERRA

tradução de
Ruy Belo

LIVROS DO BRASIL

I

Devo estar a sonhar. Encontro-me no colégio. Tenho quinze anos. De cotovelos fincados nesta carteira negra, sirvo-me com arte ora do compasso, ora da régua, ora do transferidor. Estou atento e tranquilo. À minha volta, há companheiros que falam em voz baixa. Um deles alinha números num quadro. Alguns, menos sérios, jogam ao bridge. De tempos a tempos, mergulho mais fundo no sonho e lanço um olhar pela janela. Fico-me, durante muito tempo, a olhar. Um ramo de árvore oscila docemente ao sol. Sou um aluno distraído. Experimento um requintado prazer em saborear este sol e este cheiro infantil a carteira, a giz, a quadro. Que alegria sinto em refugiar-me nesta infância tão bem resguardada! Sei-o perfeitamente, começamos pela infância, pelo colégio, pelos camaradas, depois lá chega o dia em que nos submetemos a exame. Em que recebemos um diploma qualquer. Em que atravessamos, com um baque no coração, uns certos umbrais para além dos quais passamos, sem mais nem menos, a ser homens. E nessa altura o pé pisa, com maior força, a terra. Já seguimos o nosso próprio caminho da vida. Os primeiros passos do nosso caminho. Até que enfim vamos experimentar as armas em adversários autênticos! A régua, o esquadro, o compasso, usá-los-emos para erguer o mundo ou para triunfar dos inimigos. Acabaram-se as brincadeiras.

Eu sei que, normalmente, um colegial não receia enfrentar a vida. Um colegial ferve de impaciência. Os tormentos, os perigos, as amarguras da vida de homem não intimidam um colegial.

Mas eu, cá por mim, sou um colegial singular. Sou um colegial que tem consciência da sua felicidade e que não tem tanta pressa como isso de enfrentar a vida...

Dutertre passa neste momento junto de mim. Lanço-lhe um convite:

— Senta-te aí, vou fazer um truque de cartas para tu veres...

E fico feliz da vida por conseguir encontrar o seu ás de espadas.

Dutertre está sentado à minha frente, de pernas caídas, numa secretária escura como a minha. Escangalha-se a rir. Eu sorrio com modéstia. Pénicot aproxima-se de nós e poisa o braço no meu ombro.

— Então, meu velho?

Meu Deus, como tudo isto é doce!

Um prefeito (será realmente um prefeito?...) abre a porta para chamar dois colegas nossos. Deixam a régua e o compasso, levantam-se e saem. Seguimo-los com os olhos. O colégio acabou para eles. Como homens, vão experimentar, nos adversários, as receitas dos seus cálculos. Que colégio mais engraçado, onde os alunos se vão embora cada um por sua vez! E isto sem grandes adeuses. Esses dois companheiros nem sequer olharam para nós. E, no entanto, é muito natural que as circunstâncias da vida os levem para bastante mais longe do que a China! Mas, bastante mais longe!... Quando a vida, depois do colégio, dispersa os homens, está na mão dos homens jurar que se hão de voltar a ver?

Deixamos cair a cabeça, nós, os que ainda vivemos na paz quente da chocadeira...

— Ouve, Dutertre, esta noite...

Mas a mesma porta volta a abrir-se pela segunda vez. E oiço, como se de um veredicto se tratasse:

— Capitão Saint-Exupéry e tenente Dutertre, o comandante espera-os.

Acabou-se o colégio. É a vida.

— Sabias que era a nossa vez?

— Pénicot voou esta manhã.

Com certeza partimos em missão, uma vez que nos convocam. Estamos em fins de maio, em plena retirada, em plena catástrofe. Sacrificaram as tripulações como se se lançassem copos de água num incêndio numa floresta. Como se hão de pesar os riscos quando tudo se desmorona?

Constituímos ainda, em toda a França, cinquenta tripulações de grande reconhecimento. Cinquenta tripulações de três homens, dos quais vinte e três pertencem ao nosso Grupo 2/33. Em três semanas perdemos dezasseis de vinte e três tripulações. Somos como uma vela que se derrete. Ainda ontem eu dizia ao tenente Gavaille:

— Havemos de ver isso depois da guerra.

E o tenente Gavaille respondeu-me:

— Mas o meu capitão ainda tem a pretensão de estar vivo depois da guerra?

Gavaille não estava a brincar. Sabemos perfeitamente que a única coisa a fazer é lançar-nos no braseiro, porque até o gesto é inútil. Somos cinquenta para toda a França. Sobre os nossos ombros repousa toda a estratégia do Exército francês. Este não passa de uma imensa floresta a arder e de alguns copos de água a sacrificar para extinguir o incêndio. E não há dúvida de que os não de sacrificar.

E está certo. Quem pensa em queixar-se? Alguma vez se ouviu entre nós outra resposta que não fosse: «Muito bem, meu comandante! Sim, meu comandante. Obrigado, meu comandante!» Mas há uma impressão que domina todas as outras ao longo deste final de guerra. É a do absurdo. Tudo crepita à nossa volta. Tudo desaba. É tão absurdo o desmoronamento que a própria morte parece absurda. Ninguém toma a morte a sério, no meio de toda esta balbúrdia...

Entramos no gabinete do comandante Alias. (O mesmo que, em Tunes, comandava ainda o Grupo 2/33.)

— Bom dia, Saint-Ex. Bom dia, Dutertre. Sentai-vos.

Sentamo-nos. O comandante desenrola uma carta sobre a mesa e volta-se para o plantão:

— Vai-me buscar o boletim meteorológico.

Depois tamborila com o lápis na mesa. Ponho-me a observá-lo. Tem um aspeto cansado. Não dormiu. Andou numa roda-viva, de carro, à procura de um Estado-Maior fantasma, o Estado-Maior da divisão, o Estado-Maior da subdivisão... Tentou lutar contra os armazéns de provisões que não forneciam os seus contingentes de reserva. Meteu-se

em engarrafamentos inextricáveis. Presidiu também à última mudança e à última instalação, porque nós mudamos de sítio como pobres diabos perseguidos por um meirinho inexorável. Aliás conseguiu pôr a salvo primeiro os aviões, depois os camiões e, por fim, as toneladas de material. Mas vemo-lo agora sem forças e sem nervos.

— Ora bem, acontece...

Continua a tamborilar, incessantemente, na mesa e não olha para nós.

— É bastante aborrecido...

Depois levanta os ombros.

— É uma missão aborrecida. Mas, no Estado-Maior, têm empenho nisso. Têm mesmo grande empenho nisso... Discuti, mas eles entendem... É assim.

Dutertre e eu contemplamos, através da janela, um céu absolutamente calmo. Oiço o cacarejar das galinhas, porque o gabinete do comandante está instalado numa quinta, tal como o Gabinete de Informações o está numa escola. Não tenciono opor o verão, os frutos que amadurecem, os pintainhos que ganham forças, os trigos que medram, à morte tão próxima. Não vejo em que é que a calma do verão haveria de contradizer a morte, nem em que é que a doçura das coisas havia de ser ironia. Mas uma ideia vaga me assalta: «É um verão que não funciona. Um verão com uma avaria...» Vi debulhadoras abandonadas. Máquinas de ceifar e atar abandonadas. Nas bermas das estradas, carros abandonados. Aldeias abandonadas. Em certa fonte, de uma aldeia deserta, continuava a correr a água. A água pura dava lugar a um charco, ela, que tantos cuidados tinha custado aos homens. De súbito, uma imagem absurda se apodera de mim. A dos relógios avariados. De todos os relógios avariados. Relógios das igrejinhas da aldeia. Relógios das gares. Relógios de chaminé das casas desertas. E, nesta vitrina de relojoeiro prófugo, este ossuário de relógios mortos. A guerra... já se não voltará a dar corda aos relógios. Já se não apanham as beterrabas. Já nem se reparam os vagões. E a água, que era utilizada para beber ou para lavar as belas rendas domingueiras das moças da aldeia, converteu-se em charco diante da igreja. E morreu o verão...

É como se eu tivesse uma doença. Este médico acaba de me dizer:

«É bastante aborrecido...» Portanto, era preciso pensar no notário, naqueles que ficam. De facto, compreendemos, Dutertre e eu, que se trata de uma missão sacrificada.

— Dadas as circunstâncias presentes — concluiu o comandante —, não se pode entrar em demasiada linha de conta com o risco...

Mas decerto. Não se «pode entrar em demasiada...». E ninguém procede mal. Nem nós, por nos sentirmos melancólicos. Nem o comandante, por não se sentir à vontade. Nem o Estado-Maior, por dar ordens. O comandante está de má catadura porque tais ordens são absurdas. Nós também o sabemos, mas o próprio Estado-Maior o sabe. Dá ordens porque é preciso dar ordens. Ao longo de uma guerra, um Estado-Maior dá ordens. Confia-as a esbeltos cavaleiros, ou, mais modernamente, a motociclistas. Ali, onde reinavam a balbúrdia e o desespero, cada um desses esbeltos cavaleiros salta de um cavalo esfalfado. Revela o futuro, como a estrela dos Magos. Traz a verdade. E as ordens reconstroem o mundo.

É este o esquema da guerra. A estampa colorida da guerra. E cada um põe da sua parte o máximo de esforço para fazer com que a guerra se pareça com a guerra. Todos procuramos observar, piedosamente, as regras. Até pode muito bem acontecer que esta guerra se venha a parecer com uma guerra.

É para que ela se assemelhe a uma guerra que se sacrificam, sem objetivos precisos, as tripulações. Ninguém ousa confessar que esta guerra não tem parecenças com coisa alguma, que nada nela tem sentido, que nenhum esquema se lhe adapta, que se manejam, com toda a gravidade, fios que já não comunicam com as marionetas. Os Estados-Maiores, cheios de convicção, expedem essas ordens que não hão de chegar a parte alguma. Exigem de nós informações impossíveis de colher. A aviação não pode assumir o encargo de explicar a guerra aos Estados-Maiores. A aviação, com as suas observações, pode controlar hipóteses. E é que, de facto, solicitam de cinquenta tripulações o encargo de modelarem o rosto de uma guerra, que é coisa que ela não tem. Dirigem-se a nós como a uma tribo de cartomantes. Olho para Dutertre, meu observador-cartomante. Ontem, precisamente, objetava a um coronel da Divisão: «E, a dez

metros do solo e a quinhentos quilómetros à hora, o que é que eu hei de fazer para marcar as posições que me pede?» «Vejamos, com certeza não terá dificuldade em ver donde é que disparam contra si! E se disparam contra si, as posições são alemãs.»

Dutertre concluía:

— Fartei-me de rir depois da discussão.

Porque os soldados franceses foi coisa que nunca viram: aviões franceses. São, ao todo, uns mil, disseminados de Dunquerque à Alsácia. Mais valia dizer que se diluem no infinito. E quando, na frente, um aparelho passa como um vendaval, é alemão de certeza. O que há a fazer é derrubá-lo antes que ele tenha despejado as suas bombas. Basta o seu rugido para pôr a funcionar as metralhadoras e os canhões de tiro rápido.

— Com um tal método — acrescenta Dutertre — não haja dúvida de que as suas informações são preciosas!...

E tomá-las-ão em consideração, porque, num esquema de guerra, deve-se entrar em linha de conta com todas as informações!...

Sim, mas a guerra também não andava.

Ainda bem — e nós sabemos-lo — que as nossas informações não virão a ser utilizadas. Não as poderemos transmitir. As estradas hão de estar congestionadas. Os telefones hão de estar avariados. O Estado-Maior ter-se-á transferido, subitamente, para outro lugar. As informações importantes sobre a posição do inimigo, há de ser o próprio inimigo a fornecê-las. Há dias, perto de Laon, discutíamos sobre a posição eventual das linhas. Mandámos um tenente de ligação ir ter com o general. A meio caminho entre a nossa base e o general, em plena estrada, vai de encontro a um cilindro compressor, atrás do qual se abrigam dois carros blindados. O tenente faz meia-volta. Mas uma rajada de metralhadora corta-lhe cerce a vida e fere o condutor. Os blindados são alemães.

Bem vistas as coisas, o Estado-Maior parece-se com um jogador de bridge que alguém interrogasse de um compartimento vizinho:

— O que é que hei de fazer da minha dama de paus?

O isolado limitar-se-ia a encolher os ombros. Se não tinha visto nada do jogo, o que havia de responder?

Mas um Estado-Maior não tem o direito de encolher os ombros. Se ainda lhe resta o controlo de alguns elementos, deve-os trazer em movimento para os ter na mão e para tentar todas as possibilidades, enquanto durar a guerra. Ainda que às cegas, é seu dever agir e fazer agir.

Mas é difícil, ao acaso, atribuir um papel a uma dama de espadas. Já nos foi dado constatar, a princípio com surpresa, depois com uma evidência que teríamos podido prever, que, quando a derrocada começa, o trabalho falta. Há quem imagine o vencido submerso por uma torrente de problemas, gastando até à última, para os resolver, a sua infantaria, a sua artilharia, os seus tanques, os seus aviões... Mas a derrota começa por escamotear os problemas. Deixa de se saber coisa alguma do jogo. Ninguém sabe em que há de empregar os aviões, os tanques, a dama de espadas...

Lançam-se ao acaso sobre a mesa, depois de terem dado tratos de polé à imaginação, para lhes descobrirem um papel eficaz. Reina o mal-estar e não a febre. Só a vitória se rodeia de febre. A vitória organiza, a vitória constrói. E todos sufocam ao levar a sua pedra. Mas a derrota leva os homens a mergulharem numa atmosfera de incoerência, de aborrecimento e, acima de tudo, de futilidade.

Porque as missões que exigem de nós são fúteis. Cada dia mais fúteis. Mais sangrentas e mais fúteis. Os que dão ordens não dispõem de outros recursos para se oporem ao desmoronamento da montanha, a não ser lançarem os seus últimos trunfos na mesa.

Dutertre e eu somos trunfos e ouvimos o comandante. Está a expor-nos o programa da tarde. Manda-nos sobrevoar, a setecentos metros de altitude, os parques de tanques da região de Arras, no regresso de um longo percurso a dez mil metros, com a mesma voz com que nos diria:

— Seguem então pela segunda rua à direita, até à esquina da primeira praça; comprem-me os fósforos na tabacaria que há lá...

— Muito bem, meu comandante.

Nem mais nem menos útil a missão. Nem mais nem menos lírica a linguagem que a exprime.

Digo de mim para mim: «Missão sacrificada.» Penso... penso em muitas coisas. Esperarei pela noite, se ainda for vivo, para refletir. Mas vivo... Quando uma missão é fácil, de três regressa um. Quando é um pouco «aborrecida», claro que é mais difícil voltar. E aqui, no gabinete do comandante, a morte não me parece nem augusta, nem majestosa, nem heroica, nem pungente. Não passa de um sinal de desordem. Um efeito de desordem. O grupo vai perder-nos como se perdem bagagens na barafunda das ligações do caminho de ferro.

E não é que não pense na guerra, na morte, no sacrifício, na França, antes pelo contrário, mas falta-me um conceito orientador, uma linguagem clara. Penso por contradições. A minha verdade está reduzida a bocados e só os posso considerar um após outro. Se for vivo, esperarei pela noite para refletir. A noite bem-amada. À noite, a razão dorme e as coisas são o que são. As que, verdadeiramente, importam retomam a sua forma, sobrevivem às destruições das análises do dia. O homem volta a ligar os seus bocados e torna-se árvore calma.

O dia é para as cenas domésticas, mas, à noite, aquele que discutir volta a encontrar o amor. Porque o amor é maior do que esse vento de palavras. E o homem apoia os cotovelos no peitoril da janela, por baixo das estrelas, de novo responsável pelos filhos que dormem, pelo pão de amanhã, pelo sono da esposa que repousa perto, tão frágil e delicada e passageira. O amor não se discute. É. Que venha a noite, para que se revele qualquer evidência que mereça o amor. Para que eu pense a civilização, a sorte do homem, o gosto da amizade ao meu país. Para que eu deseje servir qualquer verdade imperiosa, não obstante talvez inexplicável ainda...

De momento, pareço-me com o sacristão que a graça abandonou. Desempenharei, honestamente, o meu papel na companhia de Dutertre; lá isso é verdade, mas com a sensação de quem salva ritos que deixaram de ter conteúdo, porque Deus os abandonou. Esperarei pela noite, se me for possível viver ainda, para passear um pouco a pé pela estrada real que atravessa a nossa aldeia, envolto na minha solidão bem-amada, para ver se assim descubro porque hei de eu morrer.